

A educação física escolar: o esporte feminino no Colégio Canadá na década de 1950

Eliane Guimarães de Campos Prates¹

Resumo

Este artigo propõe-se a investigar a prática do esporte na Educação Física escolar na década de 1950 e, em especial, o esporte feminino escolar a partir do trabalho desenvolvido pela professora Yolanda Miguel Elias Baldia no “Colégio Canadá”. Podemos observar a hegemonização do esporte na prática da disciplina entre alunos e professores de várias instituições. Esta pesquisa iconográfica também contou com dados coletados por entrevistas. Nota-se que há todo um corpo de legislação desde a década de 1940 e um esforço dos poderes estadual e municipal de estimular a prática do esporte. Este discurso valorizador criou uma rede de interligações entre a escola e a sociedade santista através dos clubes esportivos, onde muitos alunos complementaram seus treinamentos, tornando-se posteriormente seus atletas.

Palavras-chave: *Colégio Canadá; educação física; esporte feminino escolar; Yolanda Baldia; relações de gênero.*

Abstract

This article aims to investigate the practice of sport in school physical education in the 1950s, especially sport for women, having as a point of departure the work developed by the teacher Yolanda Miguel Elias Baldia in “Colégio Canadá”. It was possible to observe the hegemony of sport for this discipline among students and teachers from distinct institutions. This iconographic research also collected data through interviews. Legislation since 1940s as well as efforts of state and municipal governments had been stimulating the practice of sport. This discourse greatly valued sport and generated a web of connections between school and the society of Santos through clubs where many students completed their training and later became their athletes.

Keywords: *Colégio Canadá; physical education; sport for women; Yolanda Baldia, gender relations.*

No presente artigo, ao analisar a importância do esporte e reconstruir parte significativa da trajetória do esporte feminino escolar e sua projeção na educação santista nos anos de 1950, buscamos resgatar instituições escolares que permanecem até hoje com seu nome estreitamente vinculado ao da história da cidade. Para o entendimento do processo e configuração do esporte escolar feminino ressalta o papel dos sujeitos que notadamente atuaram neste campo, particularmente o da professora Yolanda Elias Miguel Baldia.

As análises da memória e dos ritmos temporais comportam o pluralismo coerente no interior das dinâmicas da cultura urbana santista, uma vez que o esporte

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação, da Universidade Católica de Santos.

incorporado implica o fato de que passa a participar da construção de uma nova ordem escolar e também social. Acresce o fato de que Santos com sua extensa orla marítima proporcionou um acesso democrático ao lazer que impulsionou os jovens prioritariamente à prática das atividades físicas, com várias alterações na relação corpo-cidade no caso santista, privilegiada por sua bela natureza. Isto é sintetizado na expressão usada por Lydia Federici:² “Santos, um campo natural de esportes”. (título de uma de suas crônicas no jornal “A Tribuna”, 1954). Jornalista, cronista e esportista, Lydy Federici (1918-1994) tinha os olhos atentos para Santos cujas peculiaridades retratava diariamente em crônicas publicadas em “A Tribuna”.

A memória biográfica serviu de base para o estudo dos problemas específicos, como a formação profissional, a escola, desejos, sonhos individuais e projetos de grupos e as condições oferecidas pela sociedade em dado momento histórico. A palavra criadora carrega, assim, a força dinâmica da memória, pois nela se depositam não só motivações de uma unidade coletiva, mas devaneios, imaginários e recordações, tornando os lugares da cidade, espaços afetivos, através dos quais as formas de vida cotidiana encontram formalização, como nos ensina Miguel de Certeau e sua “fala dos passos perdidos” (DE CERTEAU, 1992).

Direcionando nossos estudos para a relação entre as estratégias adaptativas e os valores culturais da atividade física e para os esportes em particular, tentamos reconstruir as tessituras dos padrões de comportamento de culturas anteriores para a explicação de grupos sociais atuais. Recuperar as diferenças e os sentidos do passado pode servir de base para nos orientar no presente ou projetar outro futuro.

Nossa pretensão também foi indagar as relações e processos que se estabeleceram entre a cidade, a escola e o esporte feminino na educação física escolar nos anos de 1950. Pudemos então pensar e constatar que a disciplina educação física é tão antiga quanto a educação e da mesma forma configurada pelo Estado, a partir da influência de três campos: o campo pedagógico, o campo cultural das atividades físicas e esportivas e o campo das ciências biológicas, sociais e da saúde. E estes campos disputaram sua influência sobre os setores governamentais acerca da inclusão de determinados saberes legitimados como relevantes, tornando-se central o pedagógico, em aberta disputa para posicionar determinadas concepções.

Os problemas de gênero permearam toda a análise e se configuraram na prática, no caso da educação física mais do que em qualquer outra disciplina e notadamente no esporte feminino escolar. Os depoimentos colhidos de alunos e professores procuram realizar uma síntese cultural, um imbricando no outro e estabelecendo uma relação de reciprocidade.

1. Professora Yolanda Elias Miguel Baldia e o esporte feminino do Colégio Canadá

A prática do esporte dentro da Educação Física escolar santista, na década de 1950, comporta uma abordagem a partir da ação de um dirigente, o professor Oscar da Silva Musa, e de uma professora, Yolanda Miguel Elias Baldia, esta responsável pela educação física feminina do Colégio Canadá. O professor Musa, como Delegado Regional de Educação Física, organizou os Campeonatos Colegiais entre escolas de Santos, São Vicente e Guarujá, as Demonstrações de Ginástica entre colegiais da região que eram realizadas no campo do Santos F.C., as Olimpíadas dos Colégios Religiosos Femininos e o Campeonato Escolar entre os Grupos Escolares da Baixada Santista. Na administração de Musa e na Comissão Central de

² Nasceu em São Paulo, vindo para Santos ainda criança. Foi presidente da Liga Santista de Esportes Aquáticos (LSEA). Colaborou também para a revista “Tênis Ilustrado” e jornais do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A independência feminina foi retratada em suas crônicas. Em 1988 recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadã Santista. Uma seleção de suas crônicas foi publicada no livro “Gente e Coisas da Cidade”, título de sua coluna publicada pela primeira vez em 1961.

Esportes, o jornalista esportivo, De Vaney³ considerou Santos a cidade mais esportiva do Brasil.

No caso da professora Yolanda Baldia, a incorporação do esporte escolar feminino implica o fato de que passa a participar ativamente da construção de uma nova ordem escolar e também social, agregando uma força formadora de hábitos esportivos femininos. A vida é uma experiência que se tem com e no corpo; idéias e apreensões que perfilam um sistema de representação social do corpo como também as ordens sociais que são instauradas nas práticas corporais.

2. A Educação Física na Educação

A partir de 1930 há um vigor na intervenção estatal sobre as questões educacionais. A reforma Francisco Campos, de 1931 pode ser considerada um exemplo desse movimento: através do Decreto nº 19.890, de 18/04/1931, art. 9º, instituiu-se a obrigatoriedade de exercícios de educação física no ensino secundário. Outra publicação oficial que reforçou a presença e a obrigatoriedade da Educação Física nos estabelecimentos de ensino foi a Lei Orgânica do Ensino secundário, de 1942, que trouxe no seu art.19º a obrigatoriedade da educação física a todos os alunos, até a idade de 21 anos. A importância atribuída à presença dos esportes como meio educativo continuaria a ser ressaltada. Os indícios encontrados nas fontes sinalizam que a partir dos fins da década de 1940, houve uma esportivização das aulas de Educação Física, sendo que os exercícios ginásticos, anteriormente predominantes, passariam a ficar em segundo plano. Os esportes a serem desenvolvidos eram divididos em dois grupos: os individuais e os coletivos. O esporte individual consistia na prática de certas aplicações como corrida, salto, arremesso, tendo em vista a obtenção do máximo rendimento compatível com a constituição orgânica de cada um. Nos esportes individuais, a preocupação constante referia-se à melhoria dos resultados, à performance. Os esportes coletivos exigem, em sua prática, uma série de qualidades, dentre as quais é possível destacar a firmeza nos lances, a rapidez de deslocamento, os golpes de vista, a intervenção oportuna. Qualidades intelectuais também são necessárias, como as decisões rápidas, o conhecimento do adversário, a previsão de uma situação que se esboça. O governo da União, reconhecendo as vantagens dos desportos para a mocidade brasileira, baixou o Decreto-lei nº 3.199 de 14/04/1941, que regulamentou as atividades esportivas em todo o país.

Nessa perspectiva, insere-se a ação dos poderes estadual e municipal, no que diz respeito à legislação reguladora da prática esportiva dentro da educação física escolar. Daí advém uma das possíveis explicações do empenho de determinados sujeitos que investem sua intervenção na prática do esporte escolar. Este era com certeza o mais atrativo para os alunos, pois contar com o imprevisto, com as reações dos adversários, levava-os a uma liberdade de ação, fazendo-os desenvolver algumas características relacionadas à emancipação e ao desprendimento. Importante atentar para o fato de que, muitas vezes, o desenvolvimento histórico de uma disciplina escolar depende mais de sua valorização e reconhecimento em setores nos quais ela atua diretamente do que da legislação e dos ordenamentos governamentais relativos à sua implantação. A insatisfação de alguns professores de Educação Física com os avanços e retrocessos da área demonstra que, desejando o melhor desenvolvimento destas atividades no interior da escola e a conseqüente demonstração de sua capacidade de trabalho, esforçam-se para uma efetiva consolidação da sua disciplina nas instituições de ensino. Dentre os eventos e atividades da educação física, o esporte seria cada vez mais um motivo de destaque e diferenciação.

³ De Vaney (1907-1990) - Adriano Neiva da Motta e Silva, o De Vaney, jornalista chamado de poeta da crônica esportiva brasileira, nasceu em Ribeirão Preto. Com a morte do pai foi morar com o avô em Laranjeiras no Rio de Janeiro, e aos 14 anos fundou o Beira Mar, tablóide que circulou pelas praias cariocas (Botafogo, Leme, Copacabana e Flamengo) durante cinco anos. Aos 19 foi trabalhar no Globo e depois no Diário de Notícias. Assinou uma coluna na revista O Cruzeiro sob o pseudônimo de Adão Abel. Em 1944 saiu do Diário para trabalhar em A Tribuna em Santos até 1967. Reuniu ampla documentação que lhe permitiu conseguir para Santos, em 1956, o título de "Município Mais Esportivo do Brasil", quando obteve o primeiro lugar no Concurso Aberto de Monografias do Congresso Brasileiro de Municípios.

3. Práticas culturais e esportivas

Em qualquer processo de apropriação realizado na escola, torna-se pertinente considerar que os sujeitos escolares não se limitam apenas a transpor saberes e práticas pré-existentes. Professores e alunos podem também produzir saberes e estes não permanecem fechados no interior da escola, influenciando as práticas culturais e os modos de pensamento que organizam vários outros campos sociais. Podemos constatar que a escola moderna agregou uma força formadora de hábitos esportivos, pertinentes com os argumentos de Bourdieu para problematizar a força formadora de hábitos:

Em uma sociedade onde a transmissão cultural é monopolizada por uma escola, as afinidades subterrâneas que servem as obras humanas (e, ao mesmo tempo, as condutas e pensamentos encontram seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir consciente e também, em certa medida, inconscientemente) o inconsciente, ou melhor, de produzir indivíduos dotados de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados) que constitui a cultura (1998, p.211-212).

Em Norbert Elias, encontramos o interesse por determinadas manifestações histórico-culturais, especificamente o esporte, tratado como objeto de estudo negligenciado. No caso do esporte os alunos deveriam ter domínio sobre si mesmos, se constituiria então numa atividade pela qual se poderia avaliar o grau de civilização de um povo, fazendo parte do “processo civilizador”. Também Pierre Bourdieu apontou para essa relevância:

Imagem do jogo certamente é a menos ruim para evocar as coisas sociais. [...] pode-se falar do jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, obedece a certas regularidades. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica. (1990, p. 83).

Na verdade, verifica-se a ambigüidade do esporte, aplicável ao esporte escolar: de um lado na exteriorização das pulsões reprimidas, explosões fortes e apaixonadas dos participantes, um lugar onde essa manifestação é permitida; e de outro a escola e o processo civilizador, que leva à obediência, e a maior restrição para algumas ações, parece que se configura um descontrole controlado, onde é permitido um descontrole em um nível de controle do sujeito que deve analisar racionalmente a abrangência e a possibilidade de sua ação em seu universo social. O esporte escolar se situa então no processo amplo de criação de laços sociais e de interdependência diferenciada onde as emoções estão estritamente relacionadas com as que os alunos experimentam no curso normal de suas vidas; porém o espetáculo esportivo é priorizado. Foram variadas as formas de produção de sentidos, o *habitus* de Bourdieu presente nos saberes e nas práticas escolares. A sistematização das regras preserva o indivíduo e mostra a preocupação com a plasticidade na

prática esportiva. É um processo integrado e dinâmico. A racionalização do esporte permite formas mais comunicativas de relação social. O esporte exerce poderoso atrativo além de intensa expectativa, comunhão e euforia ao mesmo tempo em que incorpora a ação disciplinada, a coordenação coletiva de movimentos normatizados com limites e alternativas. Essas atividades trazem novo repertório de atitudes identificadas com os jovens, implicando novos hábitos. A incorporação do esporte implica o fato de que passa a participar da construção de uma nova ordem escolar e também social.

4. Prática esportiva feminina santista

Observamos claramente que uma otimista atividade antecipadora da prática esportiva feminina santista no âmbito escolar é estimulada nos anos de 1940 e as oportunidades de realização estruturavam-se através da ação de determinados sujeitos prontos para organizar esse tempo e espaço na escola e fora dela. Havia nos anos de 1950 uma articulação a nível municipal e estadual de estruturação e apoio às atividades esportivas, uma rede de incentivos e congratulações. A nível municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Secretaria de Esportes pela qual era responsável o professor Oscar da Silva Musa, e no âmbito estadual pelo Departamento de Esportes do Governo do Estado, cuja direção estava a cargo do major Sylvio de Magalhães Padilha. Havia uma sintonia de projetos e ações coordenadas de incentivo ao esporte escolar e, nestas condições extremamente favoráveis desenvolveu-se o trabalho profícuo da professora Yolanda Baldia e especificamente o esporte feminino do Colégio “Canadá”.

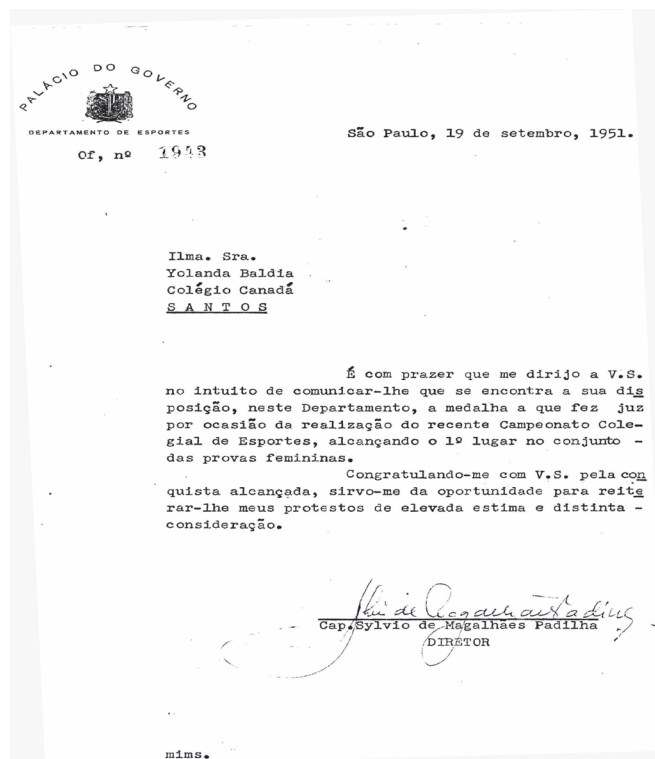
O “Colégio Canadá”, inaugurado em 1937, foi a primeira escola estadual da região. Era uma instituição de grande prestígio na formação intelectual dos jovens e foi o mais premiado nas competições colegiais da cidade na década de 1950. À época, a disciplina Educação Física era conduzida pelos professores Guaraná da Costa Rodrigues e pela professora Yolanda Elias Miguel Baldia, tendo como Diretor da Escola, o professor Antonio Júlio Guimarães Sampaio.

Nesse período, nas aulas das disciplinas intelectuais havia a co-educação, o mesmo não acontecendo com a educação física, sinalizando para a reprodução da distribuição social dos papéis sexuais estereotipados. Embora não se note pelas imagens e depoimentos na época a diferença de conteúdo na prática da educação física, no que diz respeito à vestimenta das alunas nas aulas e na prática dos esportes, a partir das imagens podemos observar que seu efeito sobre a aparência corporal escondeu todo um universo moral fortemente normatizador. Segundo Foucault: “nada é mais material, mais físico, mais corporal do que o exercício do poder”.

Os professores Guaraná e Yolanda, além da ginástica, priorizavam em suas aulas a prática do esporte, elaborando um trabalho de parceria e colaboração, levando seus alunos e alunas a alcançarem vitórias relevantes nas disputas dos jogos colegiais da região e nos campeonatos colegiais do estado. Agrupados por categorias, infantil e principiante, era grande o número de alunos que participavam, e no esporte feminino as primeiras modalidades trabalhadas foram o voleibol e o basquetebol.

A professora Yolanda Baldia nasceu em Cajuru (SP) era formada pela Faculdade de Educação Física de São Paulo em 1942, chegou a Santos em 1951 e começou sua carreira no Colégio Canadá. Lecionou também nos Colégio São José, Colégio Stella Maris e no Liceu Feminino Santista. No ano de 1954, acumulou como professora os títulos de Campeã dos Campeonatos de Ginástica, do Campeonato de Educação Física e Esportes, nas modalidades de Atletismo, Natação e Voleibol

no VII Campeonato Colegial de Esportes. Inúmeras congratulações foram recebidas pela professora, entre as quais as de 1954, da Secretaria do Governo do Estado de São Paulo – Departamento de Esportes e Secretaria do Estado dos Negócios do Governo – Departamento de Educação Física e Esportes. A título de documentar, exibimos alguns destes certificados e congratulações.



O trabalho desenvolvido pela professora Yolanda em relação à atenção que dava às suas aulas nas sessões com evoluções, aplicação de flexões, exercícios educativos e jogos pode ser depreendido de seus depoimentos. Esses últimos eram por vezes adaptações recreativas dos esportes ou outros jogos com regras e objetivos a serem atingidos. Nessas sessões estavam previstos desportos individuais e coletivos, que chamavam a atenção pela dedicação de suas alunas. Era, sim, uma prática de esporte de rendimento. Sua preocupação era a adaptação do esporte mais adequado às particularidades de cada uma de suas alunas. Nos parece ter sido a aplicação do que assimilou em um dos cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico do qual participou a professora. A partir de 1946, foi introduzida a Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) em Santos. Esse método, desenvolvido na França, no “Institut National des Sports”, foi trazido ao Brasil por Auguste Roger Listello nos cursos de aperfeiçoamento técnico-pedagógicos realizados em Santos, a partir de 1951 sob a organização de Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo (DEESP). A filosofia divulgada e praticada por Listello, através da EFDG, é educar por meio do esporte, trabalhando com todos os alunos divididos por habilidades, tendo todos eles a possibilidade de serem promovidos continuamente, onde o importante não é o culto ao físico e sim, a igualdade de oportunidades para todos.



*A atleta brasileira Benedita de Oliveira cumprimenta a Prof. Yolanda Baldia sob o olhar da jornalista Lydia Federici.
Foto: acervo pessoal da Prof. Yolanda.*

O que era incomum à época, e daí a postura inovadora de Yolanda Baldia, foi não se ater somente à única prática esportiva recomendada às mulheres, o voleibol. Sua atuação se fez no sentido de aprimorar as qualidades físicas necessárias à prática esportiva e preparar paulatinamente as alunas para executar esforços maiores com o passar dos anos; é bem possível afirmarmos que a opção da professora Yolanda de trabalhar com o esporte feminino se devesse ao fato de ser mais atrativo, motivador e moderno.

Embora não dispusessem de instalações esportivas adequadas na escola, nos clubes esportivos, as alunas complementavam os treinamentos e realizavam-se as competições. Essas estratégias de aproximação com iniciativas de outros setores da sociedade santista recriaram de forma generalizada, práticas sociais estritamente vinculadas ao esporte, num contexto amplamente favorável, criado localmente e com difusão de uma matriz peculiar santista dentro do Estado. Sua força residia exatamente na interlocução com outros setores da sociedade da cidade, como partícipes ou como simpatizantes. Promovendo a desconstrução do pré-estabelecido, a prática do esporte escolar liberava as alunas abrindo novas instâncias de relacionamento, pois o deslocamento físico para espaços diferentes do escolar favorecia o desbloqueio emocional e a pluridisciplinaridade, ao ligar os pontos de contato do sistema educativo com outros níveis de linguagem, mesmo que num contexto mais amplo permanecesse a expectativa de enquadramento social sobre instituições, entre elas a escola, pelas estruturas de dominação; de forma consciente e inovadora rompendo a parcialidade da educação de preparo linear, as práticas da educação física especificamente do esporte feminino, no caso da professora Yolanda Baldia, possibilitou às suas alunas ampliar seus referenciais do mundo, ao inserir um espaço novo e ampliado do espaço escolar: os clubes.

Na construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar a educação física constitui um campo onde por excelência acentuam-se de forma hierarquizada as diferenças entre meninos e meninas. A relevância do trabalho da professora Yolanda Baldia e demais professoras que estimularam a prática do esporte feminino na escola se deve ao fato de que o ensino escolar tem um potencial limitado para a conquista de objetivos que afetam valores e comportamentos en-

raizados, nos quais a tendência conservadora lógica choca-se com a que busca modificar os caracteres dessa formação no complexo e conflitante tecido social, até porque as alunas tinham uma bagagem prévia de atitudes, valores e comportamentos adquiridos fora da escola. Uma das questões pertinentes diz respeito às aulas separadas, em que educadores e educadoras eram responsáveis nas aulas de educação física por turmas diferenciadas de moças e rapazes; havia resistência à co-educação nas aulas de educação física o que não ocorria nas disciplinas de conteúdo intelectual. No caso de Yolanda Baldia, parece importante assinalar sua relação muito profissional de apoio mútuo em relação ao professor Guaraná, responsável pelas turmas masculinas.

Certamente estava inculcada, em alguns alunos, a naturalização da assimetria na prática do esporte por meninos e meninas, e, tensões naturalmente existiram como uma reação natural à quebra da privacidade e privilégio do seu mundo masculino.

As culturas escolares não são um pressuposto, elas são o processo e o resultado das experiências dos sujeitos [...] – é preciso que eu considere que os sujeitos que a constroem guardam, eles também, diversos procedimentos e identidades pelas quais as culturas escolares estão continuamente informadas. (FARIA FILHO, 2007, p.198).

Quanto à maioria das alunas do Canadá, demonstravam excelente resultado intelectual, equilibrado com inegável desempenho esportivo. Seu brilho no esporte foi resultado de sua dedicação. Lauret Godoy, uma de suas alunas, pode ser citada como exemplo, nome que aparece nas competições do “Canadá”, sua irmã Lucy também era atleta destacada. Destacou-se como atleta, defendendo os clubes de Regatas Saldanha da Gama, Internacional de Regatas e Club Athletico Paulistano. No prefácio do livro de Lauret Godoy, “Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga”, publicado pela Editora Nova Alexandrina, em 1996, Sylvio de Magalhães Padilha, Presidente de Honra do Comitê Olímpico Brasileiro e Membro do Comitê Olímpico Internacional, assim se expressa:

Lauret conheceu o esporte como atleta, professora e dirigente acompanhando delegações esportivas. As diferentes vivências ajudaram-na a percebê-lo sob variados prismas. Isso torna mais rica sua exposição e fortalece o papel de educadora – traço marcante da sua postura pessoal e profissional.

Lauret faz a seguinte dedicatória de seu livro à professora Yolanda Baldia:

Minha querida Mestra

Com a senhora aprendi a ser prestigiada no esporte. Hoje apresento-lhe o meu trabalho. Fico devendo, apenas, o reconhecimento e agradecimento público.

Beijo carinhoso

Lauret
Nov/2000

Tornamos aqui público a vontade expressa da antiga aluna que trilhou o caminho do esporte, nele realizou suas aspirações, conduzida pelo trabalho da professora Yolanda, tornando-se fundamentalmente uma educadora e figura de destaque do desporto santista e paulista. Como nos diz Goellner (2005, p.93): “A partir dos anos de 1940 as práticas esportivas seduziram e desafiavam muitas mulheres que indiferentes às convenções morais e sociais aderiram à sua prática, independente do discurso hegemônico”. Trabalhando com outra categoria, o espaço, no qual se desenvolve a vida individual, este é concebido, em termos públicos e privados, de designação da subjetividade moderna. A plasticidade permite ao indivíduo ajustar-se às condições nas quais se apresentam as normas da vida pública, com restrição dos impulsos pessoais em favor do bem comum e/ou alargar-se o foro interno do desejo e da liberdade. O desempenho em cada um desses âmbitos incide sobre a existência corporal. O emaranhado dessas ordens e a valorização das suas múltiplas expressões compõem um *corpus* de recursos com os quais a ordem social é instituída e reproduzida. Por meio de uma gramática do corpo e de recorrer à ordem como princípio civilizador, a urbanidade consegue uma definição de espaços vitais nos quais se deve desenvolver essa identidade.

Na maioria das vezes passam despercebidas as complexas interligações corpo/mente/meio ambiente, comprometendo o equilíbrio do ser humano. Podemos examinar as relações sociais através de suas projeções sobre o espaço ou analisar um espaço, tendo em mente as relações sociais que ali se desenvolveram. Procedendo de uma ou de outra forma, do geral para o particular e vice-versa, poderemos compreender melhor como os relacionamentos que ocorrem na escola estão ligados a uma carga que vem da família e de toda a sociedade. Podemos dizer que há uma relação entre o conteúdo material e a forma espaço-temporal, pois o espaço não é independente dos corpos que contém.

Ao considerar o corpo independente do entorno social, porém determinante para ele, acolheu-se à educação pedagógica, incluindo a educação física para constituir uma cidadania plena. A infância e a juventude modernas são categorias requeridas para que o desenvolvimento físico forme o adulto. A promoção dos discursos e das práticas que eles envolvem é evidente nos métodos pedagógicos e na cultura física, incorporando maneiras ativas de conhecimento e experimentação corporal, dando preferência aos jovens entre os quais se fazia pertinaz a atribuição de funções e capacidades.

O *lócus* escolar ganha uma euforia própria da juventude da época, o lugar do treino, mesmo fora do tempo marcado das aulas, o lugar onde se forjam os times A, B, C etc. na prática das modalidades. Pelos depoimentos de professores e alunas, tantas eram as que se envolviam que em várias instituições escolares santistas, como o “Canadá” e outras, se formavam diversas equipes. E alguns nomes do “Canadá” emergem destes depoimentos: Eliane Muniz, Abigail Cecherelo, Marilda Soares Cruz, Célia de Oliveira, Lilian Barrinuevo, Célia Regina, Madalena de Oliveira, Hilda Cunha, Ruth Pereira, Maria Nilza Pasqualine, Lucy Godoy, Darcy Chagas, Marlene Mazzei, Maria Luisa Hernandez Tobar, Alcina Carneiro, Judith Bitran, Maria Helena Rodrigues. Numa ação coordenada, os clubes esportivos da cidade cedem seus ginásios e dependências, onde são realizados treinamentos, apresentações e alguns dos jogos e competições de atletismo dos jogos colegiais. Essa associação quase que natural leva alguns estudantes a serem mais tarde convidados a integrar as equipes destes clubes, enquanto alguns já neles atuavam. Podemos mesmo falar que, na prática do esporte escolar, surge um celeiro de atletas. Assim, parece que não havia neste momento a forma estereotipada tomada comumente como ambientes opostos à prática da educação física, a escola e os clubes esportivos.

As práticas e os interesses escolares (com) formam a prática de esportes, ao mesmo tempo em que os “formatos” instituídos no campo esportivo também adentram a escola. Entre esses formatos podemos citar os clubes e as agremiações, de uma ou mais modalidades esportivas: os “matches” ou “certamens”. Relacionar clube e escola significa, então, aproximar interesses e compartilhar um tipo próprio de socialização. (LINHARES, 2006, p.98).

Forma-se um espaço de convivência que ultrapassa os muros da escola e nos permite reconstruir redes sociais e percursos de indivíduos no tecido urbano, promovendo o levantamento de práticas sociais, identidades e das formas de coesão enfatizadas pelas relações que se estabelecem entre indivíduos e grupos em um território compartilhado. Os ritos, rotinas e valores permitem construir o processo responsável pela história das práticas esportivas, sua memória, sua organização e seu patrimônio cultural; a construção de uma matriz de identidade daquele grupo, deixando marcas de identificação nas gerações que se sucederam. Pensando o conjunto, as transformações dos comportamentos pressupõem a interiorização individual da regra como elemento principal da sua eficácia. Assim, ao pensar nos gestos como signos que expõem à interpretação e permitem um reconhecimento, torna-se possível regulamentar corretamente as manifestações do corpo; esse gestual comum permite uma transparência social que concretiza a sociabilidade.

Tomando o ano de 1954 para a análise do esporte escolar, torna-se evidente a hegemonia da equipe do “Canadá” como Campeã dos Jogos Colegiais realizados neste ano na cidade, fato que repete o acontecido nos anos anteriores. Outras instituições escolares como Tarquínio Silva, Escolástica Rosa, José Bonifácio, Marçal, Martim Afonso, Educacional e Macuco, também alcançam excelentes resultados nas disputas das várias modalidades, o que prova quão preparados estavam estes alunos, e o que poderia significar para eles e para seus professores a prática do esporte na educação física escolar. Os Campeonatos Colegiais de Esporte da Região realizavam-se em etapas no transcorrer dos meses de maio, junho e agosto, adentrando no mês de setembro, com os torneios de voleibol, basquete, atletismo e natação, para ambos os sexos. As tabelas dos jogos e resultados do Campeonato Colegial foram organizadas a partir do levantamento feito no Jornal “A Tribuna”, ano de 1954. A partir de sua análise fica explícito o estreito relacionamento dos clubes com as escolas e com a Comissão Central de Esportes na utilização de seus espaços bem como se evidenciam as vitórias obtidas pelo “Canadá”. Detalhamos o “Campeonato Colegial de Esporte da Região” no ano de 1954, como exemplo de evento escolar de toda a década de 1950. Escolhido este ano para ser focado nesta pesquisa, fica claro ao pesquisador o papel dos alunos atletas e particularmente o destaque do colégio “Canadá”. As conquistas nestes jogos preparam a grande conquista do “Tetracampeonato nos Jogos Colegiais do Estado”. Destaca-se a atuação das alunas do “Canadá” em todas as modalidades e alguns nomes aparecem com realce como Marlene Mazzei, Abigail Cecherelo, Marli de Oliveira, Célia de Oliveira, Madalena, Liane Muniz dos Santos, Neide Moreira, Maria Luisa Tobar e Lauret Godoy entre outras.

Pudemos perceber que as mulheres no acesso às práticas esportivas tiveram oportunidade de encontrar novos espaços de resistência e de tentar rompê-la. Masculinidade e feminilidade são posições sociais que se apresentam a partir de determinadas práticas e, certos discursos que se aprendem e também se negociam e que podem modificar-se. Com relação à prática do esporte feminino escolar po-

demos considerá-lo indo além da masculinidade hegemônica e da legitimação da construção de estereótipos sexuais. Romperam também com a construção de características binárias, opostas e hierárquicas. Suas façanhas a partir da dedicação e empenho com que essas alunas se ativeram aos treinos escolares e/ou fora deles ganhariam notoriedade, colocando em suspeição as representações hegemônicas de masculinidade no esporte escolar.

Uma rede de incentivo e propaganda é visível na imprensa. No jornal “A Tribuna”, na sua seção de esportes, através da penetração marcante de suas crônicas, Lydia Federici reforça o trabalho de professores e alunos que participavam das práticas esportivas. Vão convergir condições sociais, materiais e humanas. Ao confeccionar perfis esportivos, coloca-se o jornal como veículo na reafirmação dessa construção, no que se refere a sua atuação junto aos grupos com os quais conviveu: o jornalismo e o esporte feminino. A jornalista nas inferências que fez, seja na construção de perfis, seja nas homenagens que presta, demonstrou certo grau de identificação nos conteúdos de suas crônicas nas primeiras décadas de sua produção, cujo tema desenvolvido vai sistematicamente se repetindo, sendo ela própria a autora desses perfis que adquiriram certa relevância para a história da cidade.

O esporte passa a ser expressivo, na década que estudamos, na educação escolar, evidenciado na grande quantidade de jovens que demonstravam por ele grande interesse, tendo implícito a formação moral e do caráter, desenvolvendo no próprio corpo uma identidade própria e um espírito de companheirismo e solidariedade, ao incorporar uma disciplina que lhes proporcionava o rendimento que almejavam com as vitórias. Os alunos atletas participavam como os demais alunos, das sessões cotidianas de Educação Física em suas respectivas turmas. Apesar da relação estreita entre os esportes e a educação física, é importante lembrar que estas atividades nem sempre ocupavam os mesmos espaços e tempos. Muitos treinamentos não eram realizados exclusivamente nos mesmos locais e horários das sessões de Educação Física, pois a atenção dos professores para com os atletas deveria ser diferente da despendida a uma turma de alunos.

O brilhantismo dos resultados alcançados pela alunas esportistas do “Canadá” poderia estar sendo utilizado como estratégia para atrair as demais alunas para a prática da educação física. Essas alunas atletas obtinham certo reconhecimento nos certames realizados fora da cidade, sendo seus feitos ressaltados e tornando-se exemplo para as demais. As suas conquistas nas competições das diversas modalidades esportivas, contra equipes colegiais de todo o Estado, nos levam a concluir que era alto seu nível esportivo.

No caso do esporte feminino do “Canadá”, este era motivo de destaque e diferenciação em relação a outros estabelecimentos de ensino. O trabalho realizado pela professora Yolanda Baldia, objeto desta pesquisa, é destacado pelas inúmeras matérias publicadas nas crônicas sobre o esporte feminino santista.

O ano de 1954, como referência da projeção do esporte escolar santista no Estado, ressalta de forma incontestante o grande feito do colégio “Canadá”, com o “Tetracampeonato dos Jogos Colegiais do Estado de São Paulo”. O Campeonato Inter-Colegial Estadual compreendia a disputa de torneios de atletismo, de natação, de voleibol e de basquete feminino e masculino. Nos campeonatos dos esportes coletivos a apuração das oito equipes finalistas era feita em fases regionais. Na Semana da Pátria, então se reuniam no Estádio do Pacaembu todas as representações do Estado que iriam disputar os campeonatos de natação e atletismo e as oito equipes classificadas para as disputas decisivas de voleibol e de basquete.

Foi a seguinte a Contagem Geral do “Campeonato Colegial de Esporte do Estado” no ano de 1954: Primeiro lugar – Campeão absoluto: Santos – “Colégio Canadá”

(tetracampeão) com 60 pontos, seguido de Rio Claro com 31 pontos, Araçatuba com 24 pontos, Tietê com 21 pontos, Sorocaba com 14 pontos e São José do Rio Preto com 10 pontos.

Os atletas do Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá” sagraram-se campeões, conquistando esta grande honra para a cidade de Santos, uma vez que seus quarenta atletas tiveram que concorrer com mais de 5.000 esportistas provenientes de mais de 200 estabelecimentos oficiais de ensino e representantes de outros municípios do Estado de São Paulo.

Na contagem geral feminina, o “Canadá” sagrou-se campeão com 39 pontos seguido de Rio Claro com 16 pontos, Sorocaba com 14 pontos, Araçatuba, Tietê e São João da Boa Vista com 8 pontos, Ribeirão Preto e Pindamonhangaba com 5 pontos, Macuco e Pirassununga com 4 pontos e Garça, Nova Granada e Tupã com 2 pontos.

Esses números gritam o valor das colegiais do “Canadá”, sua eficiência, seu preparo. Essas 23 atletas, dentro do esporte escolar brilharam mantendo elevado o nome esportivo de Santos entre todas as cidades do interior e da capital do Estado.

Para Edward Thompson, a evidência histórica possui determinadas propriedades às quais logicamente os historiadores devem estar atentos. Embora seja possível formular-lhe qualquer pergunta, apenas algumas serão respondidas pelas evidências. Nas palavras do historiador inglês: “embora qualquer teoria do processo histórico possa ser proposta, são falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações das evidências”. (1981, p.50).

Devemos observar, na atuação dos professores Oscar da Silva Musa, Guaraná da Costa Rodrigues e Yolanda Baldia um traço comum de construção de um modelo para a Educação Física escolar em Santos e que pode ser atribuído ao seu pertencimento acabando por se exprimir nele mesmo, o esporte. Remetem e reforçam a tese de que é possível reconhecer aspectos significantes da atuação do esporte escolar, utilizando critérios que identificam o sentido indicado pela iconografia e outras fontes. Podemos mesmo afirmar que, fixando suas próprias perspectivas tornaram-se um marco de referência na identidade do esporte escolar nas décadas de 1940 e 1950.

Partindo da premissa da presença da unidade entre a forma e o sentido da ação, o comportamento de um docente seria plasmado por suas noções, sentimentos e inclinações. Isto nos levaria a entender o desempenho de seu ofício pela via de retratar seu pensamento, sua auto-imagem, suas motivações e o saber fazer proporcionado por sua experiência pessoal. As indagações desse gênero têm a grande virtude de recuperar a figura do professor como sujeito ativo do currículo e da vida escolar. Porém, temos que admitir que a prática de um professor não é só produto de seu interior e sua experiência idiossincrásica, senão uma construção social, histórica e política: construímos nossa prática tanto como a prática é construída pelo marco em que opera.

Na luta pela conquista de igualdade de gênero, pela ousadia de questionar ou através da ação conquistar, mudando valores herdados estabelecendo mudanças paulatinas nos âmbitos familiar e educacional, o esporte escolar feminino na década de 1950 em Santos firmou precedente que mais tarde pôde ser utilizado para forçar uma abertura ainda mais ampliada.

Considerações Finais

Procuramos direcionar este artigo para a relação entre as estratégias adaptativas e os valores culturais da atividade física e para os esportes em particular, tentando reconstruir os padrões de comportamento de culturas anteriores para explicação de grupos sociais atuais. Recuperar as diferenças e os sentidos do passado pode servir de base para nos orientar no presente ou projetar outro futuro. Pela análise das fontes constatamos uma “marca” dentro da disciplina educação física: o esporte. Como nos diz Veyne (1998, p.280) toda a história é arqueológica por natureza e não por escolha e explicitá-la e explicá-la se faz correlacionando os objetos naturais às práticas datadas, e a partir das práticas nas quais se ancoram. Permitimo-nos concluir que a relação educação física/esporte é um marco nas normas que impactaram as escolas nos anos 1950 em Santos e determinaram sua prevalência, e pressupõem um ato de vontade e resistência. Para tanto, foram pesquisadas várias fontes documentais para a elaboração crítica dos testemunhos.

Os problemas de gênero permearam toda a análise e se configuraram na prática. Já a partir dos anos de 1940 verificamos em Santos o início do rompimento com os anteriores objetivos da disciplina notadamente diferenciados no caso de meninos pela “força” e das meninas pelo “encantamento”. Tornam-se visíveis os rompimentos em tentativas, a princípio acanhadas, no entanto contínuas de re-configurar os sujeitos, não mais com um gênero de um tipo determinado. Isto se torna evidente no número bastante elevado a partir dos anos 1940 e principalmente na década de 1950, de alunas/atletas que participaram das equipes femininas na prática do esporte, no caso do Colégio “Canadá” e em outros estabelecimentos de ensino.

Estas alunas através de seu desempenho rompem a discriminação, subordinação e desvalorização das mulheres durante as práticas físicas e esportivas. Nesse ponto, evidenciou-se a emergência do trabalho de determinados sujeitos que ajudaram a romper com certas premissas e supostos e, até mesmo, com a institucionalização de certas normas, práticas e prioridades para cada gênero, o que não significa dizer que as diferenças hierarquizadas não continuassem instaladas no âmbito escolar. Entretanto, fazendo uso da metáfora, nos atrevemos mesmo a afirmar que no caso retratado pela pesquisa e realçando o trabalho da professora Yolanda Baldia, responsável pela Educação Física feminina do Colégio “Canadá”: “ela parou a bola e mudou a regra do jogo”. Também constatamos a força e influência de sujeitos representativos dos poderes municipal e estadual, configurando toda uma rede de relações de poder.

É importante assinalar que, ou cultural ou biologicamente, os estereótipos e as relações de poder continuam de certo modo a eternizar certa subordinação feminina assim como a interferir na configuração do pedagógico.

Referências

- ADELMAN, Miriam. Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade feminina? *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.11, n.2, p.445-465, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. A operação histórica. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (dir). *História: novos objetos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p.17-42.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio*. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.V.2.
- FARIA FILHO, Luciano M. Escolariozação e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: Marcus Levy Bencosta. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007, v1, p.191-211.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. Goiânia, v.8, n.1, p. 85-100, 2005.
- _____. (org.). *Garimpendo memórias: o esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- GONDRA, José Gonçalves. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.519-550.
- KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- LINHARES, Meilt Assbú. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da Educação Física. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. (Org.). *Educação do Corpo na escola brasileira*. Campinas: Autores Associados. 2006. p.93-110.
- LISTELLO, Auguste. Considerações sobre uma concepção do ensino de Educação Física, Esportes e Recreação. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*, n.14, p. 22-29, mar./abr., 1973.
- MELO, Victor Andrade de. *História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. São Paulo: IBRASA, 1999.
- SOARES, Carmem Lucia. Corpo, Educação e Natureza. *Projeto História, Corpo & Cultura*. São Paulo, 25, p.69-79, dez./2002.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura Escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIÑAO, Antonio. *Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões*. _____. e ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. por Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

VEYNE, P. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: Ed. da UNB, 1998.

